

SISSI

A HISTÓRIA NÃO CONTADA



PAULO REZZUTTI e
CLÁUDIA THOMÉ WITTE



ÍNDICE

<i>Introdução</i>	7
Áustria feliz, casa-te	9
Herdeiros de um Império	19
Francisco José, o desejado	25
Novo imperador, velhas ideias	31
Uma noiva para o imperador	35
Sissi, a indomável	43
Um casamento imperial	49
Um início difícil	57
A imperatriz do povo	63
Altos e baixos	69
A viajante	75
A disputa na Alemanha	83
A rainha da Hungria	87
Uma tragédia mexicana	97
O culto da beleza	107
A dama do dominó amarelo	115
Mayerling	121
O ocaso da imperatriz	135
O herdeiro rebelde	145
Saravejo	153
O último imperador	159
Ao serviço do país, no exílio	167
Os Habsburgos muito além do trono	177
<i>Bibliografia</i>	187

INTRODUÇÃO

Duas figuras femininas caminhavam na margem do lago de Genebra numa tarde quente no final do verão de 1898. Tinham saído do hotel Beau-Rivage, em Genebra, na Suíça, onde passaram a noite, para apanhar o barco a vapor *Genève* que as levaria para Montreux. Ao lado da condessa húngara Irma Sztáray ia a condessa de Hohenembs, uma mulher alta e magra, toda vestida de negro, sem qualquer adorno e com o rosto coberto por um véu.

De repente, um jovem malvestido de cabelo escuro correu na direção das duas e tropeçou à frente delas. Estendendo a mão como se quisesse evitar a queda, atingiu a mulher de negro com um golpe no peito antes de fugir. Ela caiu ao chão, mas com o auxílio da condessa Sztáray levantou-se de novo, tranquilizando a outra mulher de que não estava ferida. Embora pálida, a condessa de Hohenembs percorreu sem ajuda a centena de metros que a separava do barco. No tombadilho, no entanto, caiu subitamente e perdeu os sentidos.

Outras pessoas acorreram, enquanto a condessa Sztáray desapertava a roupa da sua companheira para que respirasse melhor. Foi só então que, aterrorizada, descobriu uma pequena mancha de sangue no espartilho. A condessa de Hohenembs, que na verdade era a imperatriz Isabel da Áustria, tinha sido apunhalada no coração. Isabel acordou, perguntou o que tinha acontecido e, de seguida, voltou a perder a consciência. Nessa altura, o barco já tinha deixado o ancoradouro, e a condessa

Sztáray, dama de companhia da imperatriz, pediu que o capitão regressasse. Isabel foi levada para o Beau-Rivage e deitada na cama. Três médicos que estavam no hotel nesse momento foram convocados e fizeram o que podiam para a salvar, mas em vão. A arma do crime, como se descobriu mais tarde, era uma lima de marceneiro afiada até ficar pontiaguda como um punhal, que lhe atravessara o coração a meio. O ferimento era tão estreito que o espartilho apertado da imperatriz impediu o sangramento até que a libertassem da roupa, quando a hemorragia interna se tornou incontrollável. Pouco depois das 15h00, os médicos confirmaram a sua morte.

Esse foi o último capítulo da vida trágica da imperatriz Isabel, que entrou para o imaginário popular com a alcunha Sissi. A história romântica do seu casamento com o imperador da Áustria, Francisco José, passando pela sua beleza lendária, mas também as muitas perdas e tristezas pelas quais passou ao longo de sessenta anos, tornaram Sissi uma das figuras mais populares da dinastia Habsburgo que, durante séculos, governou o maior império da Europa. O brilho desta família, sinónimo de poder e majestade, começaria a apagar-se após a morte de Sissi, ironicamente nos mesmos Alpes suíços de onde eram originários os Habsburgos, muitos séculos antes.

Áustria feliz, casa-te

O nome da dinastia Habsburgo surgiu por volta de 1020, tendo como origem a expressão *Habichtsburg*, ou «Castelo do Açor». O conde Radbot ergueu o castelo no cantão de Argóvia, na Suíça, e deu-lhe esse nome depois de ter visto uma dessas aves pousada no edifício. O seu neto, Otto II, foi o primeiro a acrescentar «von Habsburg» ao próprio título, dando início à dinastia.

Em 1273, durante uma disputa entre os príncipes germânicos, decidiram escolher um descendente de Radbot, Rodolfo Habsburgo, como rei. Os Habsburgos tinham à data pouca expressão política, mas os príncipes estavam enganados se achavam que aos seus adversários faltava ambição. Mais tarde, em 1282, Rodolfo I anexou a Áustria aos domínios pessoais da família, fazendo da fortaleza Hofburg, em Viena, a sua sede de poder, e dali em diante começaram a expandir os seus domínios. Essa política afastou-os da sua base inicial na Suíça, fazendo com que de lá fossem expulsos e vissem o seu castelo destruído em 1415.

A família não demorou muito a descobrir que as guerras para aumentar o seu território saíam muito caro, e que os casamentos eram um meio mais barato de alcançar o mesmo fim. O primeiro a aproveitar-se dessa ideia foi Rodolfo IV, duque da Áustria, bisneto de Rodolfo I, que se casou com a irmã do conde de Tirol, Meinhard III. Quando o conde morreu, o território ficou como herança para ela, e Rodolfo aproveitou

para o incorporar aos domínios dos Habsburgos em 1363. Isso deu origem a uma política que norteou a dinastia durante os quinhentos anos seguintes, resumida no mote *Bella gerant alii, tu felix Austria nube / Aliis nam quae Marte, dat tibi diva Venus*, que significa: «Deixe que os outros façam a guerra, tu, Áustria feliz, casa-te / O que Marte dá aos demais, para ti será um presente de Vénus.»

O projeto de poder da dinastia consolidou-se em 1452, quando outro Habsburgo, Frederico III, foi coroado imperador do Sacro Império Romano-Germânico pelo papa Nicolau V. Com o tempo, a família transformaria esse título, que era eletivo, em hereditário. Frederico III cunhou o mote que regeria a política dos Habsburgos nos séculos seguintes: «AEIOU», as primeiras letras da frase em alemão *Alles erdreich ist Österreich untertan* e, em latim, *Austriacae est imperare orbi universo*. Em português: «Tudo no reino da Terra está subordinado à Áustria», aqui no sentido de «a Casa da Áustria», ou seja, os Habsburgos. Essa pretensão de se tornar uma monarquia universal chegou perto de se tornar realidade em diversos períodos dos séculos XVI e XVII, quando a família quase alcançou a hegemonia na Europa e na América.

Inicialmente, as mulheres eram excluídas da sucessão dos Habsburgos devido à chamada Lei Sállica. Essa resolução foi alterada em 1713 pelo imperador Carlos VI, que não tinha herdeiros masculinos legítimos e declarou a filha, Maria Teresa, sua sucessora. Diversos estados do Sacro Império recusaram-se a seguir a ordem de Carlos VI, o que levou a uma guerra de sucessão. Maria Teresa prevaleceu, embora tenha perdido parte dos seus territórios para a Prússia e para a França.

Influenciada pelas ideias do iluminismo — um processo social, político, cultural, económico e filosófico que visava,

entre outras coisas, ao uso da razão como o melhor caminho para se alcançar a liberdade —, a imperatriz procurou atualizar o império aos novos tempos. Além disso, dando continuidade à política de casamentos dinásticos, Maria Teresa conseguiu unir três das suas filhas a membros da poderosa Casa dos Bourbons: o rei das Duas Sicílias, o duque de Parma e o rei de França.

A esposa deste último, Maria Antonieta, acabaria por ser a mais lembrada pela História, e não por bons motivos. Ficou mais conhecida pelas festas e pelos penteados extravagantes do que pelos seus conhecimentos da política interna e externa, o que não a preparou para o colapso social que varreu os alicerces de todos os tronos europeus: a Revolução Francesa.

França vivia uma preocupante crise financeira, agravada por uma sequência de guerras. O rei Luís XVI tentou diminuir as despesas da corte e lançar um novo imposto que atingiria a propriedade da nobreza e do clero, mas encontrou oposição. Finalmente, a crise tornou-se tão grave que o obrigou a convocar os Estados Gerais, uma assembleia consultiva e representativa, em 1789.

A Assembleia dos Estados Gerais era composta por representantes de cada um dos três estados, cada um valendo um voto: nobreza, clero e burguesia. Desse modo, embora a classe burguesa representasse a vasta maioria da população, tinha o mesmo peso que os outros estados nas decisões. Influenciados pelos ideais de liberdade e igualdade do Iluminismo, os burgueses revoltaram-se contra a situação e criaram uma Assembleia Nacional, que conquistou o apoio da população. Assim se iniciou uma revolta generalizada que acabou por obrigar o rei a jurar obediência à Constituição imposta pela Assembleia.

Esse ato rompia definitivamente com a ideia, cultivada por gerações de Habsburgos, de que os reis eram entronizados para governar por direito divino. O imperador do Sacro Império Romano-Germânico à época era Leopoldo II, filho de Maria Teresa, que sucedera ao seu irmão mais velho, o popular José II. Como a mãe, Leopoldo era um déspota esclarecido, um dos diversos governantes europeus que tentaram implementar as ideias iluministas. O imperador viu com horror as ideias que tomavam impulso em França fazerem irromper movimentos contrários ao sistema absolutista em vários pontos da Europa, inclusive nos territórios controlados pelos Habsburgos.

Na tentativa de combater o avanço dessas ideias, em 1791, Leopoldo e o rei da Prússia ameaçaram invadir França caso algo acontecesse à família real, da qual fazia parte a irmã do imperador. O efeito, porém, foi contrário ao esperado. França declarou guerra aos dois, e a animosidade resultou, em última instância, na deposição e prisão dos monarcas franceses. Acusados de conspiração contra França, Luís XVI e Maria Antonieta foram declarados culpados, e a rainha nascida Habsburgo foi executada na guilhotina a 16 de outubro de 1793.

Leopoldo II tinha falecido subitamente no ano anterior, e o seu filho fora coroado imperador como Francisco II. Francisco não estava disposto a fazer concessões a França e juntou-se aos outros estados fronteiriços — Espanha, Prússia, Sardenha, Nápoles e Inglaterra — para fazer guerra contra o país. Essa união, conhecida como Primeira Coligação, procurava dar o exemplo ao punir o povo que se atrevera a rebelar-se contra os seus governantes, bem como sufocar os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade que começavam a florescer nos campos franceses, banhados com o sangue dos aristocratas.

De forma inesperada, no meio do caos interno, França conseguiu reorganizar o seu exército o suficiente para resistir sozinha ao avanço dos impérios vizinhos. Ironicamente, essa campanha deu fama a um militar nascido na Córsega que viria a ser o pesadelo dos governos europeus nas duas décadas seguintes.

Napoleão Bonaparte era praticamente um desconhecido quando partiu para a campanha de Itália, em março de 1796. Conquistou grande parte dos territórios italianos por onde passou, incluindo alguns sob o domínio austríaco. Um ano depois, marchava contra a própria Áustria, tendo chegado a cento e cinquenta quilômetros de Viena a 9 de abril de 1797. Foi então que os austríacos decidiram terminar a guerra. A paz entre França e o Sacro Império foi oficializada pelo Tratado de Campo Formio, a 17 de outubro, que Napoleão assinou em nome dos franceses. Foi um duro golpe contra o império, arduamente conquistado com sangue e casamentos pelos antepassados de Francisco II. De uma só tacada, a Áustria perdia parte dos Países Baixos e diversas possessões italianas, além de ser obrigada a reconhecer a República Francesa.

A certeza de que o trono era parte da sua herança divina levou Francisco, assim como outros monarcas absolutistas, a não aceitar bem a derrota para Napoleão. Formaram-se outras alianças contra França, mas, a cada confronto, o exército francês voltava a derrotar os inimigos e retirava mais territórios dos domínios do Sacro Império. Por duas vezes, em 1805 e 1809, a corte austríaca chegou a ser forçada a fugir de Viena para escapar do avanço napoleónico.

Com a perda de territórios, especialmente nos estados germânicos, a Assembleia Legislativa do Sacro Império Romano-Germânico exigiu que Francisco II devolvesse a coroa de

imperador. Sem mais forças para lutar e abatido com a perda de grande parte da sua herança ancestral, Francisco abdicou do título a 6 de agosto de 1806. Assim, passou a utilizar apenas o nome de Francisco I, imperador da Áustria, que ele reorganizara dois anos antes como um império a partir das principais possessões dos Habsburgos, que incluíam a Boémia e a Hungria.

Mais uma vez, a política matrimonial entrou em ação. Napoleão, que se proclamara imperador de França em 1804, estava à procura de uma princesa de uma das casas reais europeias para se casar e ter um herdeiro. Com o auxílio estratégico do primeiro-ministro austríaco, Metternich, a escolha recaiu na filha mais velha do imperador Francisco, Maria Luísa. Assim, Áustria e França aliaram-se por via de um casamento.

Foi um choque para a família Habsburgo. Parecia inadmissível que uma das suas princesas fosse dada ao «demonio» que, por meio de guerra e revolta, dividira o império ancestral da família e destronara muitos parentes. Mas, para Francisco, foi uma forma de melhorar a frágil posição da Áustria, debilitada pelas indenizações que fora obrigada a pagar em troca da paz. Estava disposto a fazer tudo o que pudesse para consolidar o novo império, até «entregar uma virgem para ser sacrificada ao Minotauro», nas palavras de lorde Castlereagh, secretário britânico dos Negócios Estrangeiros.

Maria Luísa não ficou muito feliz com a determinação paterna, mas obedeceu, como se esperaria de uma arquiduchessa Habsburgo. O casamento por procuração foi celebrado a 11 de março de 1810, e dois dias depois a nova imperatriz partiu para Paris, refazendo o mesmo percurso de Maria Antonieta quarenta anos antes. Maria Luísa e Napoleão tiveram um filho, Napoleão Francisco, que ao nascer recebeu o título de rei de Roma.

O ano de 1812 marcou o declínio de Napoleão. O imperador avançou para a Rússia com um grande exército, mas a campanha foi um desastre. Os russos, em vez de partirem para o confronto, começaram a recuar e a queimar tudo pelo caminho — assim os franceses não podiam reabastecer-se e dependiam das rotas de abastecimento. Com a chegada do inverno, essas rotas ficaram condicionadas, e Napoleão foi forçado a recuar com o seu exército, perdendo 90% dos homens no caminho.

Isso encorajou os antigos inimigos, inclusive a Áustria, a unirem-se contra Napoleão outra vez, e mais derrotas se seguiram, forçando-o a abdicar a 6 de abril de 1814. O ex-imperador foi banido para a ilha de Elba, na costa italiana. Napoleão tentou ensaiar o regresso ao trono em 1815, mas após apenas cem dias acabou definitivamente derrotado na Batalha de Waterloo, a 18 de junho. Capturado, ficou prisioneiro na ilha de Santa Helena até à sua morte, em 1821. Maria Luísa regressou a Viena com o filho e acabou por receber o ducado de Parma para aí viver, longe da corte vienense, onde a sua presença, como esposa de Napoleão, se tornara incómoda. Enquanto isso, o pequeno Napoleão Francisco permaneceria em Viena até morrer, como o maior dos troféus de guerra da Áustria.

Após a queda de Napoleão, as grandes potências reuniram-se em Viena, entre setembro de 1814 e junho de 1815, para reorganizar o mapa político da Europa, realinhando, de acordo com os interesses das potências vencedoras, o continente desmantelado pelo corso. Durante o Congresso de Viena, novas fronteiras foram demarcadas, casas reinantes voltaram aos seus tronos, mas alguns dos reinos criados por Napoleão foram mantidos. Entre esses novos estados independentes estava o Reino da Baviera, governado pela dinastia de Wittelsbach. O país havia sido criado em 1806 após a dissolução do Sacro Império

Romano-Germânico. Dele viriam duas mulheres importantes que marcariam profundamente a história dos Habsburgos e da Áustria: Sofia, nora de Francisco I e esposa do arquiduque Francisco Carlos, e a sobrinha, Isabel, mais conhecida como Sissi, que viria a casar-se com o filho do casal, o imperador Francisco José.

Durante o Congresso de Viena começou a ser debatida a hipótese de uma aliança entre a Áustria absolutista, que emergia como grande vitoriosa no conflito contra França, e Portugal, cuja corte se havia estabelecido no Brasil em 1808 para escapar às tropas de Napoleão. Aí, D. João VI criara o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, instalando nas Américas um baluarte do absolutismo.

D. João VI imaginou, a princípio, um casamento duplo para unir definitivamente as duas casas. O seu herdeiro, D. Pedro, casaria com a arquiduquesa Leopoldina, filha de Francisco I e irmã da imperatriz Maria Luísa. Em troca, o herdeiro do imperador austríaco, Fernando, unir-se-ia à infanta Isabel Maria, filha do rei português. O tratado para a primeira união foi assinado no final de 1816, e a cerimónia de casamento por procuração foi oficializada a 13 de maio de 1817.

D. Leopoldina partiu então para o Rio de Janeiro, tornando-se assim a primeira princesa europeia a atravessar o Atlântico para se casar no continente americano. Ela, que se tinha unido ao herdeiro do trono de Portugal, acabaria por nunca mais regressar à Europa e transformar-se-ia em facilitadora da Independência do Brasil e na sua primeira imperatriz. Entre os seus filhos contam-se a rainha de Portugal, D. Maria II, e o imperador do Brasil, D. Pedro II. D. Leopoldina faleceu no Rio de Janeiro, a 11 de dezembro de 1826, aos 29 anos.

O outro casamento planeado acabou por não acontecer. Fernando casar-se-ia com outra princesa, e D. Isabel Maria morreria solteira. Mas o destino daria uma ajuda ao plano de D. João VI algumas gerações mais à frente.

Herdeiros de um império

Francisco I casou-se quatro vezes e teve treze filhos, dos quais sete atingiram a idade adulta — todos filhos do imperador com a sua prima, Maria Teresa. A endogamia teve consequências. Por exemplo, o filho mais velho, Fernando, nasceu com hidrocefalia e sofria de epilepsia severa. A sua inteligência acutilante foi prejudicada pela doença, que chegou a provocar-lhe vinte ataques num só dia, o que deu origem a problemas neurológicos que o incapacitaram de governar quando subiu ao trono como Fernando I, em 1835. A doença também o impediu de consumir o casamento: quando o tentou, sofreu cinco convulsões sucessivas.

Deste modo, o herdeiro de Fernando continuava a ser o seu irmão, Francisco Carlos, tido como um homem fraco e sem ambições. Tinha um lugar no conselho de Estado, que na prática governava em vez do imperador, e o seu cargo era sobretudo formal, sem muita autoridade. Isto porque as decisões eram normalmente tomadas por Metternich e o seu grande oponente, o conde Franz Anton von Kolowrat-Liebsteinsky, que dividiam a maior parte do poder político.

Porém, aquilo que faltava a Francisco Carlos a sua esposa, Sofia, tinha de sobra. Nascida em 1805, era uma das filhas mais novas do segundo casamento de Maximiliano de Wittelsbach, príncipe-eleitor da Baviera. Considerada a favorita do pai, Sofia tinha uma irmã gémea, Maria Ana, e era muito próxima da mãe e das demais irmãs.

A reestruturação da Europa, levada a cabo por Napoleão, tinha tornado o título de príncipe-eleitor quase obsoleto. Entretanto, menos de um ano após o nascimento das gêmeas, a importância de Maximiliano e da família mudou subitamente. Ao decidir aliar-se ao corso, o príncipe tornou-se soberano do recém-criado Reino da Baviera a 1 de janeiro de 1806. Para consolidar esta aliança, a sua filha mais velha, Augusta, foi dada em casamento ao enteado de Napoleão, Eugénio de Beauharnais, vice-rei de Itália, que mais tarde receberia do sogro o título de duque de Leuchtenberg. Uma das filhas do casal, Amélia de Leuchtenberg, tornar-se-ia a segunda imperatriz do Brasil pelo casamento com D. Pedro IV (I do Brasil) após o falecimento de D. Leopoldina.

Mais tarde, Maximiliano mudaria de lado e juntar-se-ia à Sexta Coligação contra Napoleão. Como prémio, a soberania da Baviera foi reconhecida. Para consolidar ainda mais a existência do Estado, as filhas do rei foram peças valiosas no mercado de alianças matrimoniais. Várias tornaram-se esposas de monarcas. Uma delas, Carolina, foi a última esposa de Francisco I da Áustria; outra, Isabel Luísa, casou-se com o imperador da Prússia; e Maria Ana foi dada em casamento ao rei da Saxónia. O casamento de Sofia com o arquiduque Francisco Carlos, enteado da sua irmã, era considerado politicamente interessante porque havia a possibilidade de ele herdar o trono austríaco devido à incapacidade do seu irmão Fernando em gerar um sucessor.

A autoritária Sofia e o vacilante Francisco Carlos casaram-se em 1824 e tiveram um relacionamento harmonioso que gerou seis crianças, das quais quatro meninos chegaram à idade adulta: Francisco José, Maximiliano, Carlos Luís e Luís Vítor. Apesar da harmonia familiar, os dois não podiam ser mais diferentes, e eram poucos os interesses que tinham em comum.

Na corte, a pessoa com quem Sofia melhor se relacionava era o sobrinho do marido, Napoleão Francisco, o filho de Napoleão e Maria Luísa. Seis anos mais novo do que ela, o jovem era inteligente, curioso e charmoso. Os dois travaram logo uma amizade que durou até a morte dele, em 1832, vítima de tuberculose. Napoleão e Sofia eram tão próximos que surgiram rumores de que os dois teriam um caso amoroso e que ele, e não o marido, seria o pai do arquiduque Maximiliano, segundo filho dela, que nasceu dezasseis dias antes da morte de Napoleão Francisco. Inteligente e sociável, Sofia era popular entre a aristocracia vienesa, mas a sua determinação não era segredo para ninguém, a ponto de ser considerada «o único homem da corte». Embora tivesse facilidade em manipular o marido, Sofia logo concluiu que não podia esperar muito dele e direcionou as suas ambições para o filho mais velho, Francisco José.

A oportunidade da arquiduquesa surgiu em 1848, quando uma série de revoltas e revoluções se propagou pela Europa, inclusive no Império Austríaco.

A crescente industrialização em boa parte do continente e a consequente urbanização — devido à migração de pessoas do campo para a cidade à procura de trabalho — levaram à difusão de ideias liberais, nacionalistas e mesmo socialistas. Estes movimentos reivindicavam desde liberdade de expressão e associação até ao direito de voto para todos os homens. Isso colidia com os propósitos conservadores da Santa Aliança, da qual a Áustria era uma das signatárias e que fora criada exatamente para garantir a manutenção da situação política anterior à Revolução Francesa e defender a causa absolutista.

No campo, o aumento da população deu origem a conflitos pelas terras e revoltas camponesas. Para agravar a situação, a partir de 1845 uma praga deu origem a uma quebra na produção de

batata, a principal fonte de calorias para as classes mais baixas em muitos países europeus. Seguiu-se uma grande escassez de alimentos, o que causou milhares de mortes.

O ano de 1848 começou com uma série de revoltas populares em Itália, que culminou na proclamação da república em Roma, a 9 de fevereiro de 1849. Em seguida, uma revolução em França levou à deposição do rei Luís Filipe e à implantação da Segunda República, a 24 de fevereiro. A partir daí, uma vaga de revoltas e movimentos armados estendeu-se de Espanha à Suécia.

A chamada «Primavera dos Povos» chegou à Áustria em março, quando o parlamento da Baixa Áustria exigiu a renúncia do chanceler absolutista Metternich, que, sem poder contar com os seus próprios apoiantes, renunciou a 13 de março e fugiu para Londres. Nos meses seguintes, uma série de gabinetes caíram, um após o outro, enquanto as revoltas continuavam a propagar-se pelo império. Além das inspiradas pelo descontentamento das classes populares com o governo, havia as de carácter nacionalista, com diversos povos que procuravam a independência do império.

Essas revoluções expuseram as questões étnicas que existiam no Império Austríaco. Juntamente com os germânicos, viviam nos territórios governados por Viena vários povos que praticavam religiões diferentes e falavam vários idiomas. Além da Áustria, o império era composto por mais doze divisões administrativas e várias subdivisões, que incorporavam germânicos, eslavos de vários idiomas, magiares, romenos e italianos. A área mais explosiva era a dos Balcãs, uma manta de retalhos do decrépito Império Turco-Otomano dividida em territórios que, ao longo do século XIX, a pouco e pouco foram sendo incorporados pelos austríacos.

A insurreição, no entanto, foi rapidamente reprimida por tropas lideradas pelo conde Radetzky, enquanto as revoltas nacionalistas na Boémia e na Alemanha acabaram dominadas por alguns dos próprios membros, leais ao regime dos Habsburgos. Porém, os nacionalistas húngaros avançaram contra Viena e forçaram o imperador Fernando a fugir com a sua corte. A revolta foi contida, mas a situação política delicada fez com que Fernando fosse forçado a abdicar.

O arquiduque Francisco Carlos era o próximo na linha de sucessão, mas Sofia convenceu-o de que o melhor era renunciar a favor de Francisco José, então com 18 anos. Deste modo, em vez de se tornar a consorte de um imperador sem ânimo, tornou-se arquiduquesa-mãe e o verdadeiro poder por trás do trono do filho.

UMA BIOGRAFIA FASCINANTE SOBRE A MULHER QUE DESAFIOU UM IMPÉRIO, REINVENTOU O CONCEITO DE FAMA E SE TORNOU UMA LENDA.

Uma lima atravessou-lhe coração. O movimento foi tão rápido que Sissi nem se apercebeu de que o empurrão daquele homem não tinha sido um acaso. O espartilho, apertado até reduzir a sua cintura a quarenta centímetros, atrasou a hemorragia e prolongou-lhe a vida por mais umas horas. A obsessão pela perfeição física acabaria, ironicamente, por lhe adiar a morte. Aos 60 anos, longe da família, a imperatriz que o mundo tanto admirava morreu. Sissi, encantadora, indomável e apaixonada pela natureza, foi a primeira celebridade mundial. Mas quem era, de facto, esta mulher que, passados quase duzentos anos, continua a fascinar o mundo?

Nesta biografia, Paulo Rezzutti e Cláudia Thomé Witte traçam um retrato completo da época e do império em que Sissi reinou. Conheça a história romântica do seu casamento com o imperador da Áustria, Francisco José, a sua beleza lendária, mas também as tristezas que marcaram a sua vida e a tornaram uma das figuras mais populares da dinastia Habsburgo, que durante séculos governou um dos maiores impérios da Europa.

«Verdadeira celebridade durante a vida, após a morte Sissi transformou-se num mito. [...] A imperatriz que tanto rejeitou o seu papel tornou-se um símbolo romântico que faz sobreviver no imaginário coletivo o nome e o esplendor da família Habsburgo.»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook YouTube Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-596-436-9



9 789895 964369